

Semanario de caricaturas a côres,
crítico e humorístico
Propriedade da Empresa do jornal **O ZÉ**
DIRECTOR E EDITOR
ESTEVÃO DE CARVALHO
CARICATURISTA
SILVA E SOUSA
ADMINISTRADOR
RICARDO DE SOUSA

COMPOSTO, IMPRESSO E GRAVADO
nas **OFFICINAS DO ZÉ**
Rua do Poço dos Negros, 81, 1.º



Successor do jornal **O XUÃO** Redacção e administração, R. do Poço dos Negros, 81, 1.º

A CABRA CEGA



Andamos ha que tempos n'este jogo, vamos a vêr agora se acaba de vez...

Tambem caia nas garras do lapis encarnado da negregada censura, e então, que era uma pagina sensacional!

Como a rocha não é eterna, desembucharemos logo que ella rebente e então apre- ciarão a bella pagina que lhe davamos!

Creia o amigo Zé povinho, que estas mos fulas e fartos de tanta asneira sem proveito.

Irribus!!!

A empreza d'O Zé, julga-se dispensada de se justificar pela saída do seu jornal na quinta feira ultima, porque os acontecimentos bem lamentáveis, a isso a forçaram e obrigaram a sacrificios e despezas grandes. Ao menos, ainda se salvou o regimen da investida dos seus rancorosos inimigos que, acobertados pelo movimento dos operarios, pretendiam derrubar a republica.

Que todos nos desculpem a falta involuntaria e que facios similhantes senão repitam são os nossos votos.

Do Quartel General da 1.ª Divisão do Exercito recebemos a seguinte circular:

Serviço da Republica

Ex.º Sr.—Por ordem de s. ex.ª o general comandante da 1.ª Divisão Militar de Lisboa, comunico a v. ex.ª, para os fins convenientes, que as redacções dos jornaes que se publicam n'esta cidade deverão mandar todos os dias, com a devida antecedencia, a este commando, um exemplar do seu jornal, a fim de ser submetido ao seu exame, e sem o qual não poderá ser publicado.

Esta determinação revoga a anterior resolução de sua ex.ª tomada sobre o mesmo assunto.

Saude e Fraternidade.

Quartel general da 1.ª Divisão do Exercito e Governo Militar de Lisboa, 1 de fevereiro de 1912

O chefe do Estado Maior
João Pereira Bastos (major)

O documento que trancrevemos é eloquente em demasia para que necessitemos dizer dos motivos que forçam a empreza do jornal «O ZÉ», a reter a publicidade do jornal «O REVOLTADO». Mais um caso em que o silencio é oiro do mais fino quilate.

Fitas corridas

Que ha que se coma?

Gréve com arróz, gréve de caldeirada, ás iscás, com ellas e sem ellas e sobretudo gréve com mólho á hespanhola.

O menú não é mau, mas falta qual-quer coisa: gréve de escabéche.

Pois vamos nós fazer o escabéche, que os tumultos da semana bem merecem um bocado de paródia, duas ou três linhas que sejam.

Partamos d'um principio claro e indispensavel: a gréve é um direito. Mas... partamos d'outro ainda: a liberdade de trabalho é também um direito.

Ora, agóra... viras tu e começamos nós.

E' já phenomeno antigo: quando se embrulham dois direitos são invariavelmente um torto. Logo não admira que do dia 28 para cá, andasse tudo n'uma dança, movendo-se pés e mãos, chanfalhos carabinas n'um desenvolvimento extraordinario.

Como o publico espéra decerto noticias sejam ellas quaes forem, com uma impaciencia que toca as raías... e os gorazes, pusémos em campo os nossos repórteres, que são uns 54 e méio e mercê

da sua actividade prodigiosa conseguimos apurar algumas novidades. Assim: —Em primeiro logar sentiu-se a falta de carros electricos. Foi por isso, talvez, que pela baixa houve electricidade por uma pá velha. (Devemos avisar os leitô- que esta ideia de electricidade, ás pás, aos kilos e em pó, será brevemente uma bella fonte de receita).

E com a electricidade vieram os choques... da tropa com o povinho, os curtos circuitos... para casa, quanto mais depressa melhor, os fios... dos sábres nas costas do cidadão, etc. etc.

Electricidade houve com fartura; carros, nem méio... isto é, méio houve, pelo menos nas cabeças dos idiotas, pois, segundo disseram para ahí, fizeram um carro em dois!

—Notou-se bastante a falta de peixe, na semana passada. Mentira!

Houve peixe-espada até mais não poder sêr, mas isso não influiu muito no iquilíbrio commercial, porque, n'este oceano de zaragata (não é piada ao oceano pacífico) o peixe-espada corre sempre em defêsa dos tubarões.

—Outra novidade sensacional: choveu muito.

Isso já nós sabemos, dirão vocês. Pois sabiam, mas o que certamente ignoravam éra isto: a chuva foi d'aquellas que não molham, d'aquellas que fazem buracos no fato e... ui! que arrepio!... fazem buracos muito-redondos na nossa linda carninha.

Porém está chuva cahio na devida altura ou fóra de tempo? Por um lado não foi má, porque havia por ahí meni- no grévista que estava mesmo a pedir chuva; por outro foi magnifica porque fez grelar certos individuos para quem a terra não é propicia.

—Houve bombas, rapazes! O que é piadético é que não houve incendios!

Eram bombas que ainda mais atea- vavam o fogo, quando afinal o papel da bomba é... apagar.

Tambem valha-nos isto: as desgraça- das pareciam bombas de pataco! D'uma sabemos nós que, quando explodiu, fêz os seguintes estragos:

- Mosquitos mortos..... 3
- Formigas com as claviculas partidas..... 5,5
- Aranhas desmaiadas.... 1

Somma..... Um vidro rachado.

Fracos lúcos para quem tivesse de... dar á bomba!

—Suspenderam-se as garantias e esta bucha foi a mais perigosa!

Quem ganhou com ella foi o nosso alfayate que se fartou de apanhar di- nheiro com o seguinte:

Suspensorios garantidos
(Piada á suspensão de garantias.)
Preço: um centávo.

Vendeu o producto que foi uma bel- lês!.

—Sobre prisões, houve muitas, espe- cialmente prisões de ventre... ou antes pelo contrario!

Prêsos ha uns mil e tantos que... d'aqui a oito dias estarão no méio da rua, se nada se provar em contrario.

De mistura com elementos perturba- dores e reacionarios, foram na leva hon- rados filhos do povo. Em compensação a fita das Trinas é o que vocês estão vendo. Isto é que nos enjô! Ou não fosse o mundo tórto... sem offensa ao França Borges.

—Agóra, para final da nossa maravi- lhosas reportagem, lá vae o clou da histo- ria:

Os voluntarios fizeram servico devi- da mente fardados e municados.

Esta nova causou-nos um bocado de

mêdo, porque, sendo assim, os aconte- cimentos tomavam outra feição que a todo o transe convinha evitar, pois a pe- ricia d'aquelles meninos é assustadôra!

Sás uns bravos, esses heróes!

São valentes!

São uns têsos!

São uns guerreiros!

E sobretudo, são muito reinadios!

No méio d'este pagóde todo, houve uma coisa que nos encheu de satisfação: os voluntarios prestaram serviços, es- tando... guardados por forças do exér- cito!

Ai! que vontade de ir!

Os Sports Illustrados publicam uma carta de um seu leitor dedicado, em que este cidadão ferra uma formidavel tun- da nos maricas que infestam a cidade, enojando-nos com o aroma a homose- xualismo que as suas roupas chegadi- nhas ao corpo evolum.

Nunca as mãos lhe dôam, caro se- nhôr. Esses patifes, quer do luxo, quer miseraveis, são a vergonha d'uma raça! Urge dar cabo d'elles e todos os meios servem, especialmente o marmelleiro ou o cavallo marinho!

Olhe, amigo: nós juramos á fé de quem somos de se algum d'esse bichos tem a osadia de nos fazer fósquinhas, applicamos-lhe uma tarefa que o magico ou fica completamente invalido ou vae parar com os ossos á Morgue!...

E todo o cidadão portuges que se prese de têr uma póuca de vergonha na cara, deve usar esta receita!

Veriam como acabavam esses biltres!

AI! TONTINHO

O novo ministro das colonias fartou- se de receber elogios no parlamento.

Sempre estás uma belleza d'homem, ó Cerveira...

AGITAÇÕES!

Dizem os jornaes que a semana pas- sada houve agitações na Bolsa.

Por isso é que ao pé-da bolsa andava tudo tefe-tefe...

Universidade Livre

No ultimo domingo, 28 de dezembro, effectou se no Colyseu da Rua da Pal- ma, a inauguração da Universidade livre, instituição de iniciatira exclusivamente particular, cujos intuios são, por forma simplez e comprehensiva, ir espalhando pelas classes populares os conhecimen- tos scientificos, que constituem hoje o patrimonio e o mais bello galardão da humanidade, fazendo tanto quanto pos- sivel, de cada homem um ser consciente.

A' sessão que foi extraordinariamente concorrida presidiu o sr. dr. Queiroz Velloso, director da Faculdade de letras da Universidade de Lisboa, que n'um discurso de abertura, explicou os moti- vos da reunião. Usaram tambem da pa- lavra os srs. Alexandre Ferreira, em nome do conselho director da Universi- dade, homem que tem sido infatigavel na realização de tão benemerita obra, Agostinho Fortes, da Faculdade de let- ras de Lisboa e dr. Carneiro de Moura da Escola Colonial.

O thema dos cinco primeiras lições é interessantissimo e aos nossos leitôres recomendamos que não deixem de fa- vorcer iniciatira tão levantada e de que as cla-ses populares auferirão vantagens moraes e intellectuaes de valor incalu- vel.

Em consequencia dos ultimos acontecimentos, que arrastaram atraz de si uma inesperada suspensão de garantias, tive-mos que adiar a sahida do nosso jornal, bem contra nossa vontade.

O **Revoltado**, vae ser um jornal do povo e para o povo; como tal sem coação de especie alguma, apenas se occupará dos problemas que ao paiz e ao povo interessarem.

Dentro do campo doutrinário, muito ha que dizer e fazer, onde, sem refaliações, abordaremos todos os assumptos n'esta tribuna crenda para os fracos e humildes.

A empresa proprietaria, composta de filhos do povo e de trabalhadores, ao tomar tão pesado encargo para com o paiz inteiro, quiz apenas crear um jornal doutrinário e de utilidade para o povo, deixando-o á jurisdicção do cidadão que o dirige que é sobrejamente conhecido e inutil se nos torna apresentá-lo com os costumes adjectivos que o povo já não toma a serio.

Durante a suspensão de garantias, o **Revoltado**, aguardará a hora de ver a luz do dia para seguir então a sua linha de combatente, que manterá inalteravel em todas as fazes da vida politica porque, jornal doutrinário e do povo, sabe bem o respeito que a lei se deve.

AOS FERRO-VIARIOS

CARTA ABERTA

Em consequencia do jornal politico—**«O Revoltado»** só ser publicado depois da suspensão de garantias, damos no **«Zé»**, publicidade á carta do nosso particular amigo e presado collega de redacção Laranjeira, a fim de não perder a oportunidade a aclaração da sua attitude futura:

Meu querido amigo e director:

Muito grato lhe ficarei, dignando-se auctorisar a inserção d'esta carta, no nosso jornal d'hoje, para assim aclarar situações:

Tendo sido procurado na redacção e em varios locais por velhos amigos e dedicados collegas, que teem desejo de saber e instado com a minha humilde pessoa para definir publicamente qual a minha attitude futura, perante a illustrada classe ferro viaria, visto que do seu seio estive ausente desde abril de 1907 a Dezembro de 1911, em consequencia de ter sido indicado aos altos poderes da companhia como *unico* auctor de inumeros artigos julgados perniciosos para o seu bom credito e disciplina, que necessita manter entre a sua numerosa legião de trabalhadores, é-me grato declarar que, de futuro, a minha attitude, é a da maior independencia e absoluto afastamento de grupos, sejam elles formados por bem ou mal intencionados.

A ninguem, de facção alguma politica, eu devo a minha readmissão ao serviço da companhia onde, durante largos annos, não commettia menor falta (e até hoje) que deslustrasse o meu nome; aos illustres amigos que tão desinteressadamente e em nome da justiça, (note se bem) entenderam readmittir-me, eu só devo o penhor da gratidão a que não sei faltar.

A classe ferro-viaria, como a politicos, não lhes devo a menor prova de consideração de especie alguma.

Depois de cinco annos de dura experiencia dos homens e do mundo, depois de tanta ingratidão em troca de serviços de toda a ordem que a todos prestei, resolvi distribuir a minha estima, lealdade e dedicacão, por um resumidissimo numero de amigos que pela sua posição social, pela sua illustração e bondade, me teem honrado e favorecido, em transes bem difficeis e escusados.

Hoje como hontem, saberei intransigentemente quanto devo honrar o meu logar, quanto respeitar a sociedade, e procurarei não ter que transformar a minha modestissima pena, em azorrague, para desmascarar certos tartufos que pretendam confundir a minha benevolencia em covardia.

Descancem os orientadores da illustrada classe celebres (?) desde 5 d'outubro de 1910, que não os irei ensombrar, fazendo votos para que a sua *popularidade* não lhes suba á caixa da intelligencia, o que seria uma *calamidade* para a illustrada classe, senão, uma *perda nacional*.

Ora aqui teem, os velhos amigos, qual a orientação do desiludido que saberá seguir o seu caminho antes só que... mal acompanhado.

Lisboa, 3 de fevereiro de 1912.

Rodrigues Laranjeira.

NOTAS A LAPIS

Numa tabacaria.—Ahi por alturas da rua da Palma, ha uma tabacaria, onde, ás vezes, descansamos momentos, attrahidos pela sinceridade do dono da casa, um apaixonado pela republica, e ainda pela singleza de muitos frequentadores, todos elles bem intencionados, alguns operarios que procuram ser conscientes neste nosso meio em que só a audacia parece vencer.

Dizia um d'esses operarios, convencido e sincero: «A patria é uma cantiga, o trabalho não tem patria!». Prestamos homenagem á sinceridade com que essas palavras eram proferidas, mas lembramos que não é bem assim. Quem não tem patria, infelizmente, é o capital. O trabalho do homem, esse têm-na, quanto mais não seja determinada pela adaptacão ao meio, por influencias atávicas e por condições materiaes e moraes, que pesam sobre os homens, superiormente á sua vontade. O trabalho tem patria, tem; o que é necessario é que todos nos esforcemos para que essa patria seja um meio proprio para o desenvolvimento da nossa actividade, e para a affirmacão da nossa individualidade.

Que bucha!!!

José de Azevedo, como ontem dissémos, foi para a fragata *D. Fernando* e, por um principio de equidade, metido no porão onde foi escolhido para rancheiro.

D'O Mundo de 1-2-912.

Ora aqui 'stá um caso singular, que nos deixou um pouco embasbacados. A vida tem ás vezes maus bocados, que dão alguma coisa que pensar...

Um homem foi ministro. Deu-lhe um ar e desde que findaram os reinados, Tem corrido montanhas e vallados, N'uma fadiga insana, a conspirar!

Agora vinha o melro, ás escondidas, Alimentar desordens e sortidas, N'um gesto que a verfidia lhe ordenava.

Mas os policiaes deitam-lhe o gancho e obrigam o homemsinho a fazer rancho!... Por esta é que o patife não esp'rava!...

Vinte e um annos precisos são passados que, nas ruas ingremes do Porto, por uma madrugada nevoenta, que do rio se erguia envolvendo toda a cidade, as espingardas vomitavam fogo e as bocas se erguiam em entusiasticas saudações a uma patria redimida e livre.

As vozes emmudeceram, as espingardas calaram-se e d'um extremo a outro do pais entorpecido, houve como que um desanimo ainda mais profundo do que até então existira, como se todas as esperanças de resurgimento houvessem desaparecido com os humildes e obscuros filhos do povo, que á causa da Patria haviam sacrificado; n'um grande desprendimento de heroes, todo o seu futuro, toda a vida, firmando com o seu sangue generoso e bom o protesto contra a vilania que tudo empestava.

Mas esse momento de desanimo foi o ultimo d'um longo periodo de espasmo e torpor, em que a nacionalidade parecia ter mergulhado para sempre.

Como se cada um dos mortos nas ruas do Porto, em 31 de janeiro, se erguesse da campa, agosto e incorruptivel, apontando o caminho a seguir, por toda a parte, dentro em pouco, surge o desejo ardentissimo de se libertar o pais desejo vehemente que, exteriorizando-se, dia a dia, hora a hora, se havia de transformar em torrente impetuosa contra a qual não houvesse diques possiveis.

O 31 de janeiro poderia ter sido um aviso para a monarchia, se esta, como todas as instituições condemnadas, não estivesse já inquinada de todos os males e procurasse envenerar por um caminho altamente patriótico e salvador. Mas, não; o 31 de janeiro foi para a monarchia o grito de alarme que leva os criminosos, dementados e perdidos, a porfiarem na pratica do crime, em vez de ainda a tempo se salvarem do abysmo. Não houve loucura que não praticasse, crime que a fizesse recuar, perseguição que a fizesse hesitar.

D'isto resultou que cada passo dado, era mais uma passada para a morte, passada tetrica e lugubre, que poderia ter levado com as instituições a propria nacionalidade. Mas não arrastou esta na sua queda, porque esses homens obscuros, que, sahindo na madrugada de 31 de janeiro a aclamar a Republica nas ruas do Porto, foram dormir a noite d'esse mesmo dia no cemiterio do Repouso, lá estavam na sua mudez de cadaveres, mais eloquente que a eloquencia de todos os tribunos, a indicar o caminho, a mostrar qual o porto que a Patria deveria atingir.

Honremos, pois a memoria dos lidimos salvadores do Povo Português, de todos esses obscuros e humildes, cujo nome se perdeu para se confundir e conjugar com o da Patria.

AO PUBLICO

Sobre a nossa banca de trabalho, já se aglomeram pedidos e reclamações, que por si só fariam dez *Revoltados* sem aborrecerem os leitores.

A todos iremos attendendo, sem deixarmos de acudir urgentemente, á situação deploravel em que se encontram os amanuenses dos extinctos Commissariados de Instrucção Primaria que, benedignos são de comiseracão dos altos poderes.

Com tempo, todos dirão da sua justiça no *Revoltado*, que sairá logo que entrem na normalidade constitucional. E escusamos de pôr mais na... carta.

ISTO SÓ ASSIM



VIVÔ SR. AFRONSO COSTA
VIVÔ SR. BERNARDINO MACHADO
VIVÔ SR. FRANÇA BORGES
VIVÔ PORTEIRO DO MUNDO

VIVÔ SR. BRITO CAMACHO
VIVÔ SR. ANTONIO ZÉ D'ALMEIDA
VIVÔ SR. MACHADO DOS SANTOS
VIVÔ SR. INNOCENCIO CAMACHO
VIVÔ SR. ZÉ BRIBOZA
VIVÔ SR. ZÉ BILIAO
VIVÔ PORTEIRO DA LUCTA

SILVA E SOUZA

E AGORA VIVA EU!!!

E' padre e basta...

Não acabam os padres para a collecção d'esta minha galeria semanal.

Todos os dias recebo cartas em que os *santos tonsurados* são *alvejados* pelo descontentamento da maioria publica.

Trata-se hoje do procedimento rebelde que o prior de Villa Nova da Rainha, conchelo do Tondella, tem tomado n'estes ultimos tempos.

Aquelle prestante *cidadão* de Roma vindo como ultimamente tem caminhado as cousas para a Igreja Catholica, apostolica e romana, procura todos os meios de consitar o povo contra as instituições vigentes.

Tem sido enorme a propaganda jesuitica que este *papisa-Joanna* tem desenvolvido na sua freguezia, a ponto de secundar a sua revolta em Nagsela freguezia de Freixedo em cuja capella diz *mlssangas*...

Este *tubo digestivo* de Christos bolorentos já foi processado duas vezes pelas suas *valentomas* campanhas contra o regimen.

Ha dias este padrea das duzias leu, do pulpito, a portaria que castigou o bispo de Vizeu *meu amigo de Peniche*, comentando, maldizendo a Republica portugueza e barafustando contra nós republicanos sinceros.

Não eram só os comentarios que fazia sobre a nossa constituição politica, era tambem a forma traçoera, vil, cynica e brutal como sobre todos os democratas e livre-pensadores elle despejava a sua baba peçonhenta para macular a nova orientação politica que o povo escolheu em 5 de Outubro e ainda um d'estes dias foi defendida nas ruas de Lisboa.

Acabou por excomungar-nos a todos, excomulgando tambem todos os populares que tranzissem com a nova forma politica que tantos sacrificios nos custou para implantar.

O povo ficou todo aterrorisado depois que aquelle aspirante a bispo de Beja lançou as suas maldições.

Os crentes hesitavam entre o dever politico e a convicção religiosa, que elles acalentam como uma parte do seu ser...

O padre em questão não lhe bastando aconselhar ao povo o desrespeito pelas instruções dimanadas do governo acerca das cultuaes tem a desfachatez de perseguir toda a possoa que lhe não seja affecta...

E' este e outros factos semelhantes que precisam severos correctivos não só por parte das autoridades para fazer respeitar o novo regimen mas tambem todo o cidadão que presa a republica e a sua patria deve uxiliar as instituições fazendo callar a voz malevola d'esses *gaiteros celestes* que pretendem desasocegar o espirito do nosso povo, que é bom e honrado.

Se aos Padres a republica desagrada que implorem a Deus as suas boas graças para terminar com a nova forma politica que ha um anno nos governa.

Mas creio que por muito que os padres suppliquem não conseguirão derrubar os poderes constituidos desde que o povo se não deixe illudir por elles.

Não é o poder divino, ou o poder dos Padres, o que faz e desfaz nações, é a força dos povos o que constitue e desconjuncta nacionalidades.

Eduque-se o povo e este que se convença que a mentira religiosa é quem o illude para o comprometer perante as leis e perante a Razão.

O poder dos Padres assenta na sua pouca instrução, na sua ignorancia, prometendo aos fieis a paz e a felicidade na outra vida em quanto os *papa hostias* tem o grande regabofe n'este mundo sem se importarem dos bens do Paraizo, que elles promettem a toda a gente.

Leitor amigo cre' no que eu te digo, que não sou padre por minha e tua felicidade e não pretendo enganar-te:

Quando algum *come-christos* te mostrar bons modos, desconfia d'elle, anda fazendo-te cerco á bolsa do dinheiro.

Chacon Siciliani.

Salão Trindade

E' um dos melhores animatographos de Lisboa, senão o melhor, e por isso o recomendamos ao publico. Ouve-se alli optima musica, bem escolhida e bem executada pelo sextetto Caggiani e correm-se fitas das casas mais acreditadas no estrangeiro. Foi o Salão Trindade que trouxe a Lisboa a *Escrava branca*, *As victimas do Mormon*, *Notre-Dame de Paris*, etc. etc. A's terças e sextas-feiras, noites escolhidas pela empreza para estreias de fitas, a concorrência é tal que os bilhetes se exgotam e gente ha que se retira por não ter logar. O remedio é ir cedo pois que as sessões começam ás dezanove e trinta.

O ZÉZINHO

Supplemento ao jornal O ZÉ; sahirá o 1.º numero na

Quinta-feira, 8

Sendo este atraso devido á greve da semana passada. Publicar-se ha invariavelmente todas as quintas-feiras este jornal, cujo humorismo desopilante e soberba

Pagina de caricaturas

muito contribuirão para todo o mundo

RIR! RIR! RIR!

Quem quizer passar um bom bocado leia

O ZÉZINHO

que começará as suas *Piadas finas* na

QUINTA-FEIRA, 8

PREÇO 10 RÉIS

Os tumultos

E' na páe! que zaragata!
Mas que enorme lagarica!
Correu-se gente á batata!
Correu-se gente á nabiça!
Houve bulhas, houve brigas
E taponu do diacho.
Facadas no foll' das migas
E canhões p'la bocca abaixo!
Essencia de *chanfalhite*,
Panellas d'agua a ferver,
Cartuchos de dynamite
E a nossa cosinha... a arder!...
Houve sabradas na espinha,
Chanfalhadas pelas trombas,
Com cravo de cabecinha,
Ai! filhos, que cheiro a bombas!...
Houve tiros ás carradas,
Toda a especie de explosivos,
Pão duro, nóses, granadas,
Não ficaram homens vivos!...
Com tamanha destruição,
Toda a gente andava a tróte
E até as pedras do chão
Dançaram o chifarote!...
Corria o sangue nas rugas,
Nas travessas e calçadas,
Crianças andavam nuas
Com as roupas encharcadas!...
Vimos um morto a correr,
Mais mudo que um alarido,
Constantemente a dizer:
— Agora é que estou... perdido!...
Todos os surdos fugiam,
Ao fim da rua do Meio,
Assustados quando ouviam
O estrondo do tiroteio!...
Manetas de mãos no ar
E cóxos aos pontapés,
Homens parados a andar...
Mas que serie de banzés!...
Os velhos pediam chucha
E até um rescem-nascido
Pediú à mãe uma bucha,
Caso houvesse pão partido!...
Houve moscas por cordeis,
Para augmentar o banzé!
Foi um d'estes aranzéis,
Que só ficou um de pé.

O Zé.

De brincadeira

Os srs. Camillo Rodrigués e Alvaro Pope trocaram duas balas sem resultado. Estiveram a brincar aos duellos...

A arte caminha

Acabamos de receber uma circular da Sociedade de Amadores Dramaticos que, se propõe levar a cabo uma das mais arrojadas e importantes iniciativas dos ultimos tempos—divulgar por meio da interpretação na scena, as produções dramaticas dos mais laureados e consagrados auctores estrangeiros e portuguezes.

As peças escolhidas são as de these para a preparação de sentimento e do culto pela arte da parte do povo tão arredado da educação e do amor pelo theatro, pedra basilar por onde aquilatamos da grandeza dos seus ideaes e nobreza do seu caracter.

Confiamos, que o grupo de illustrados rapazes que tão desinteressadamente vão contribuir para o rejuvenescimento do theatro portuguez, saberá arrostar com o egoismo dos imbecis e com a indifferença dos empatas.

Contem com o nosso fraco auxilio e para a frente é que é o caminho. Lembrem-se que Eça de Queiroz, já dizia: A transformação da nossa nacionalidade ha de operar-se pela arte!

Ao correr da fita

—Então, visinha, que me diz aos acontecimentos?
—Que hei de dizer? Olhe, dizem que o governo vae...
—Schiu...
—E dizem que os grévistas tambem...
—Schiu...
—Tambem Já me constou que os reaccionarios...
—Schiu...
—E olhe que os conspradôres parece que...
—Schiu...
—E hontem corria que brevemente...
—Schiu...
—E ainda a visinha não sabe tudo. E' provavel que...
—Schiu...
—Isto tudo está...
—Schiu...
—Vamos a vêr se...
—Schiu...
—Schiu...
—Schiu...
—Schiu...
—Schiu... schiu... schiu...
—Vá... p'rá Torre do Bugio!...

Tendo corrido versões variadas a propósito das prisões ultimamente effectuadas em nome da ordem e da segurança da Republica—dizia-se por ahi, embora ciciando baixinho pelos cantos da rua, que alguns officiaes generaes estavam em poder da justiça como implicados no desastrado e lamentavel movimento. Segundo um claro desmentido da Lucta, jornal que se impõe pela sua auctoridade profissional, vemos o infundamento de semelhantes versões.

Foi sempre a nossa impressão, porque conhecendo bem um dos illustres generaes visados, reputamos de calumnia, o que se dizia. Não é para extranhar visto que conhecemos muito bem tão illustre dama e não menos quem habilidosamente lhe dá o braço por esses botequins onde se fazem e desfazem reputações por barato preço. Mais uma vez os boateiros perderam a caçada.

A verdade triumphava sempre. Antes assim.

CAHIR

O Procopio, coitadinho,
Casou no mez de janeiro,
Escorregou no camião...
Deu co'as ventas n'um lameiro.

Em casa com a consorte,
Não sei o que esta lhe fez...
Já é ter mui pouca sorte!
Torna a cahir outra vez...

Zé Pequeno.

ARTISTAS DRAMATICOS

Caem tambem sobre a nossa banca de trabalho, como um brado disperso n'um deserto, o relatório da gerencia da sua illustrada e incansavel direcção que, tem procurado levantar a Associação aos pincairos do prestigio a que tinha jus, se a classe, bem soubesse cumprir os seus deveres.

Raro é o dia, em que não fallamos no rejuvenescimento da patria e do povo, e no final tudo na mesma; ainda se admite no operario inculto, a sua indifferença pela associação, mas ao artista dramatico, que hoje tanto pugna pelos seus direitos, tanto brada aos quatro ventos pelo prestigio a que se diz com direito—não se comprehende o seu afastamento do seio da sua associação, a quem tantos e tão relevantes serviços deve.

Penalisa ver, como a classe comprehende os seus deveres civicos, e nem ao menos com a magra quota mensal contribue. Só durante o anno findo, foram eliminados 57 socios por falta de pagamento! E' bem eloquente a nossa forma de encarar os nossos deveres e direitos. E ainda ha quem seja carola com tão ingrata gente.

Tout passe tout-casse tout-lasse

Ha fé e... velhacaria

Havia falta de gado
Lá para Ponte de Sôr;
O mulherio, já ralado,
Foi ter c'o padre prior.

—De mãos postas, reverentes;
Diz o padre, um bom pastor;
As beatas, muito crentes,
Pedem carne ao Creador...

Zé Pequeno.



—Havêr dinheiro que chegue para sustentar os prêsos.

—O Bernardino Machado deixar de fazer asneiras.

—O Zuzarte não se parecêr com o João de Castro.

—A bengala do Laranjeira não levar umas gáspeas.

—A ponteira da dita não sêr maior que a propria bengala.

—O Ramos sabêr d'onde ha de sêr administrador.

—O Chacon deixar de levar sêllos e caçar padres.

—O electricista não andar sempre... com electricidade.

—Não havêr d'aqui a pouco mais tribunaes que sardinhas.

—O Sr. Batalha ter medo das bombas.

A Santa historia

"O Excelsior," jornal de reputados meritos e conhecidos processos, diz ao mundo inteiro, que no hotel em Dover, tivêram uma larga conferencia os Braganças Miguel e Manuel. Bordanô largas considerações, pinta em côres convencionalistas, o risonho semblante que apresentava em especial o sr. Manuel de Bragança.

Seja como fôr, verdadeira ou não a noticia do preclarissimo collega francez "O Excelsior," podem os pretendentes fazer quantas ententes quizerem porque estão no seu plenissimo direito, o que podemos afiançar ao "Excelsior," é que as uvas estão verdes e semelhantes rapozas nunca chegarão a trincal-as! Isto cá, fôï chão que deu fructo; agora, outro officio, outro officio, caro amigo "Excelsior."

SÃO ORDENS

O lapis azul da negregada sensura, ordena-nos que não podemos dar claros em substituição dos artigos que se referiam aos acontecimentos. Leitor amigo, já comprehendes que fomos fusilados... interinamente.

Com paciencia, aguardamos a hora de desopilar o figado.

Bolas, e bolas para tudo isto.

EDUARDO DE ABREU

Dizem de Braga, ter fallecido ao dar das 3 horas da tarde, este illustre entre os illustres cidadão dos raros homens de bem n'estes tempos tão ferteis para os imbecis e para os troca tintas. A sua passagem por esta curta marcha dolorosa que é a vida, representa uma gloria para a familia portugueza. A sua folha de serviços á sociedade, fôï brilhante e das raras. Era um talento invejado, e a sua açáo no parlamento ha mezes, provou-o bem.

Lega-nos um trabalho que o futuro ha de julgar—Projecto da Lei da Separação das Igrejas e do Estado.

E' sempre assim, a natureza rouba-nos os grandes espiritos e deixa a sociedade a braços com os imbecis.

Paz á sua lma.

THEATROS

Ainda hoje, os nossos numerosos leitôres e emprezas, não gosam do inefavel prazer de saborear a chronica theatral que com tanto brilho nos dá semanalmente o talentoso amigo e nosso colega de redacção Eurico Zuzarte, que como se sabe, tem tido seu querido pae o illustre general Zuzarte, enfermo, mas felizmente em via de restabelecimento.

Assim, nos vemos forçados a substitui-lo por cumprimento d'um dever, em nome da permuta que entre emprezas e imprensa existe, de ha annos e que parece, se transformou em lei.

Theatro Nacional.—Dizem-nos que não mais sairá do cartaz os *Vinte mil Dolars* porque não somos menos que os Americanos onde a chistosa peça esteve 1500 noites no cartaz! Aindabem-

Republica.—Hoje mais um espectaculo com a bella peça *A melhor das mulheres*. Ativam-se os ensaios para a chistosa peça *O botequim do do Felisberto*.

Trindade.—Em ultimas representações com a *Princesa dos Dolars* teremos em poucos dias a *Castia Suzana* que, vai causar sensação pelo seu primoroso desempenho e deslumbrante scenario e guarda roupa.

Apollo.—E' hoje o theatro querido, ou não esteja lá o notavel dramaturgo Eduardo Schwalbach: Temos a *premiere* com *O diplomata dos figurinos* e *Pobre Valbuena* o que registará mais um successo para o illustre dramaturgo.

Gymnasio.—Entrou na estrada da felicidade; tambem não admira porque a empreza não se poupa a sacrificios e vejamos *O Rei dos galanos*.

Rua dos Condes.—De braço dado com o *Fandangó e Maxixe*, lá temos a bella opereta—*Sonho de Fado* que bateu o record do successo theatral.

Variiedades.—Theatro popular por excellencia é dos melhores no género e onde o publico não cessa de rir emquanto fôr o *Pae Paulino*.

Colyseu dos Recreios.—Nunca mais deixamos de ter em Lisboa a companhia d'opereta italiana, rara é a noite que não tenhamos uma *premiere*. Em cada peça, um successo a registar para gaudio da empreza que é incansavel em proporcionar ao publico da capital espectaculos de sensação e quasi de graça.

AVENIDA

E' no proximo dia 15 que reabre este theatro, com a companhia dirigida pelo distincto actor José Ricardo que tão ruidoso successo acaba de obter no Porto.

A peça de abertura—é a notavel opereta *A Bailarina descalça*.

Animatographos

SALÃO DA TRINDADE.—E' um salão confortavel, com musica delictosa e estrelas por uma pá velha.

Digam-lá se ha melhor divertimento no inverno! **CHADO TERRASSE.**—As fitas exhibidas são surpreendentes de nitidez. Por isso a concorrência augmenta de selecção.

SALÃO OLYMPIA.—E' dos primeiros animatographos da baixa, já pelas estreias frequentes, já pelos concertos do septimino.

SALÃO CENTRAL.—Bellas estreias e soberba musica, requisitos apreciaveis e que contribuem para o bom nome d'esta casa.

GRANDE SALÃO FOZ.—O Custodio lá sabe arranjar uns bellos numeros de variedades para deslumbrar a freguezia! E as estreias semanaes augmentam ainda o valor do espectáculo.

SALÃO CHANTCLER.—Quem goste de fitas falladas compre bilhete n'esta casa que não perde tempo.

SALÃO INFANTIL.—Os petizes são um encanto! Representam com uma perfeição extraordinaria!

SALÃO DOS ANJOS.—Fica um bocado longe, mas vale a pena ir até lá! Ora experimentem!

EPITAPHIO

Jaz aqui na fria lousa
Onde a humanidade tomba,
Como em procura d'abrigo,
Maria do O' de Sousa,
Que morreu por uma bomba
Lhe atravessar o umbigo!...

'Stás um suiso!

O sr. Nunes da Matta disse que viu por cima da porta do parlamento suiso o seguinte:

"A salvação publica é lei suprema".
Aquillo foi para a gente saber que já foi á Suissa...

NA TOILETTE DO ZÉ



A modos que este frasquinho já não perfuma como d'antes!... Qual d'aquelles será o melhor?...